



Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS

ISSN: 0104-754X

ISSN: 1982-8918

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança -
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dalben, André; Góis, Edivaldo

EMBATES ESPORTIVOS: O DEBATE ENTRE MÉDICOS, EDUCADORES E CRONISTAS SOBRE
O ESPORTE E A EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE (RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO, 1915-1929)

Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS, vol. 24, núm. 1, 2018, pp. 161-172

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.76349>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115360443012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

EMBATES ESPORTIVOS: O DEBATE ENTRE MÉDICOS, EDUCADORES E CRONISTAS SOBRE O ESPORTE E A EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE (RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO, 1915-1929)

SPORTS CONFLICTS: THE DEBATE BETWEEN PHYSICIANS, EDUCATORS AND CHRONICLERS ON SPORT AND YOUTH EDUCATION (RIO DE JANEIRO AND SÃO PAULO, 1915-1929)

EMBATES DEPORTIVOS: EL DEBATE ENTRE MÉDICOS, EDUCADORES Y CRONISTAS SOBRE EL DEPORTE Y LA EDUCACIÓN DE LA JUVENTUD (RIO DE JANEIRO Y SÃO PAULO, 1915-1929)

André Dalben*, Edivaldo Góis Júnior**

Palavras chave:

História.
Esportes.
Educação.
Adolescentes.

Resumo: A presente pesquisa histórica analisa o debate sobre a prática esportiva promovido por médicos, educadores e cronistas nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro entre os anos de 1915 e 1929. As fontes empregadas se constituem na produção intelectual do período. Os objetivos da pesquisa são analisar os embates no meio intelectual que revelam representações específicas sobre a prática esportiva dos jovens; identificar as posições assumidas pelos sujeitos em relação ao esporte e sua contribuição aos debates em curso. Concluímos que os dissensos sobre o papel exercido pela prática esportiva estavam em parte relacionados com um projeto eugenista de controle e racionalização dos divertimentos dos jovens. Tratava-se de conflitos e tensões que evidenciavam diferentes discursos em circulação sobre os esportes, mas que tinham em comum o desejo de tutelar a educação das juventudes no sentido de erradicar hábitos interpretados como perigosos e imorais.

Keywords:

History.
Sports.
Education.
Adolescent.

Abstract: This historical research looks into the debate about sports practice promoted by doctors, educators and chroniclers in the cities of São Paulo and Rio de Janeiro between 1915 and 1929. Its historical source is the intellectual production of that period. This study analyzes the debates in the intellectual environment that reveal specific representations about youth sport practice and identifies stances taken by subjects on sport and their contribution to ongoing debates. We conclude that dissent about the role played by sports practice was partly related to eugenics control and rationalization of youth entertainment. Such conflicts and tensions evidenced different discourses circulating about sports, which share the desire to educate adolescents in order to eradicate habits seen as dangerous and immoral.

Palabras clave:

Historia.
Deportes.
Educación.
Adolescentes.

Resumen: La presente investigación histórica analiza el debate sobre la práctica deportiva promovido por médicos, educadores y cronistas en São Paulo y Rio de Janeiro entre 1915 y 1929. Las fuentes empleadas se constituyen en la producción intelectual del período. Los objetivos son: analizar los embates en el medio intelectual que revelan representaciones específicas sobre la práctica deportiva de los jóvenes; identificar las posiciones asumidas por los sujetos en relación al deporte y su contribución a los debates en curso. Concluimos que las divergencias sobre el papel ejercido por la práctica deportiva estaban, en parte, relacionados con un proyecto eugenista de control y racionalización de las diversiones de los jóvenes. Se trataba de conflictos y tensiones que evidenciaban diferentes discursos en circulación sobre los deportes, pero que tenían en común el deseo de tutelar la educación de las juventudes en el sentido de erradicar hábitos interpretados como peligrosos e inmorales.

*Universidade Estadual de Londrina.
Londrina, PR, Brasil.
E-mail: andredalben@yahoo.com.br

**Universidade Estadual de Campinas.
Campinas, SP, Brasil.
E-mail: egoisjunior@gmail.com

Recebido em: 08-09-2017
Aprovado em: 19-12-2017

DOI:
<http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.76349>

 Licence
Creative Commons

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa histórica toma como principal objeto de análise o debate sobre a prática esportiva dos jovens promovido por médicos, educadores e cronistas entre os anos de 1915 e 1929 nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os objetivos da pesquisa são de analisar os embates no meio intelectual que revelaram determinadas representações sobre a prática esportiva dos jovens no período; e identificar as posições assumidas pelos sujeitos em relação ao esporte e sua contribuição para uma determinada educação das juventudes.

Para o sociólogo Luiz Antônio Groppo (2000), os divertimentos da juventude, como os esportes, fomentaram historicamente determinados espaços cada vez mais reconhecidos pela sociedade e cada vez mais importantes para os hábitos de consumo. Com o objetivo de diversão, em clubes, praças, praias, rios, as juventudes encontravam práticas diferenciadas e relativamente autônomas em relação aos adultos. Ao contrário das instituições já sedimentadas, com seus objetivos utilitários, como o sistema escolar, a polícia, a justiça, o serviço militar, as juventudes “[...] caíram nas malhas de novas instituições que eles próprios ajudaram a construir ou sedimentar” (GROOPPO, 2000, p. 53). Dessa maneira, como grupo social interessado nos esportes e em sua prática de maneira mais informal, os jovens estavam na vanguarda da criação de espaços e tempos propícios para expressão das práticas esportivas.

Na contramão desses objetivos por parte dos jovens, médicos, educadores e cronistas representavam os esportes para além dos divertimentos da juventude, ou seja, para perspectivas mais utilitárias e coerentes com seus respectivos projetos de educação e sociedade. Ao apontar esses distanciamentos entre as práticas esportivas dos jovens e diferentes representações sobre o esporte por parte de médicos, educadores e cronistas, seguimos o itinerário de Michel de Certeau (2011), que nos ensina que as práticas obedecem a critérios pertinentes a diferentes objetivos, vislumbrando uma formalidade das práticas que está mais ou menos em acordo ou desacordo com os discursos oficiais ou teóricos.

Neste estudo, os esportes foram compreendidos como práticas culturais presentes no cotidiano das juventudes, mas que também são tensionados pelas representações presentes nos discursos de médicos, educadores e cronistas que imprimiam seus objetivos ancorados por diferentes posturas intelectuais. De maneira análoga, seria como observar o cinema ou o teatro, pois neles indivíduos e grupos dão sentido e significado a expressões artísticas, mas também determinadas representações (individuais ou coletivas) que, para Roger Chartier (2015, p. 7): “[...] não são reflexos verdadeiros ou falsos da realidade”, mas seriam construções que evidenciam as muitas divisões do mundo social. Ao concebermos os esportes como práticas¹ que podem ser ressignificadas, reapropriadas, ou mesmo reproduzidas, observam-se também diversas representações sobre elas.

A presente pesquisa emprega como fontes a produção intelectual do período que abordou o tema dos esportes, presentes em:a) livros das Coleções Especiais e Obras Raras da Biblioteca Central Cesar Lattes da Universidade Estadual de Campinas (BC-UNICAMP); b) artigos de jornais de grande circulação disponibilizados pela Hemeroteca Digital de Biblioteca Nacional. O levantamento das fontes se circunscreveu ao período entre o ano de 1915, quando os debates sobre a necessidade de orientação da prática esportiva começaram a ganhar força no meio intelectual, e o ano de 1929, recorte por certo arbitrário que, contudo, se justifica como

¹ Neste artigo sempre que nos referirmos ao termo “práticas” nos baseamos na acepção dada por Certeau (2011).

anterior a uma maior sistematização e regulamentação dos esportes por instituições atreladas à Educação Física nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro na década de 1930.

2 OS ESPORTES NO COTIDIANO DAS CIDADES: UM FENÔMENO CULTURAL

Ao analisarmos o cotidiano das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro entre os anos de 1910 e 1920, é possível perceber que os esportes eram práticas que muito atraíam a atenção da população. O crescimento das colunas esportivas nos jornais, desde o começo do século, acompanhou o interesse das juventudes urbanas pelas modalidades esportivas. O futebol era a preferida. Nos finais de semana, as partidas organizadas pelas federações esportivas e pelos clubes de maior reputação congregavam jogadores e torcedores. Enquanto uma forma de espetáculo, o futebol já contava com uma agenda própria, estabelecida pelas federações esportivas em seus campeonatos. Nos jornais, os cronistas esportivos narravam, com estilo próprio, as disputas ocorridas nos estádios, organizando uma memória coletiva e alimentando as expectativas para as próximas partidas. Uma parcela expressiva da população acompanhava entusiasmada os certames, noticiados também pelo rádio, e discutiam os resultados das competições e os lances de proeza em encontros diários nas fábricas, cafés, bares e praças. Os preços dos ingressos, relativamente baixos, possibilitavam a muitos acompanhar pessoalmente as partidas realizadas nos estádios (GAMBETA, 2015).

Manifestações esportivas mais autônomas, no entanto, não apareciam tanto nas colunas esportivas, reservadas principalmente para as provas e jogos organizados pelos clubes mais afamados, federações e entidades privadas. As práticas esportivas mais informais de jovens eram retratadas nos jornais, sobretudo, em suas páginas policiais ou nas cartas recebidas pelas redações com reclamações de moradores contra as partidas improvisadas nas ruas. “Nesses casos, o futebol e os seus praticantes eram identificados com a perturbação da ordem e contravenção das leis, não raro com a própria criminalidade” (SEVCENKO, 1992, p.61).

Mais do que questões do âmbito social, o que se deseja chamar a atenção é para uma dinâmica cultural ligada às emoções, ao poder que os esportes conquistaram ao angariar, arregimentar e congregar a atenção e os sentimentos das juventudes provenientes de seus mais diversos grupos sociais. As matérias veiculadas nos jornais contra as partidas informais de futebol colocavam em destaque não apenas o incômodo de alguns moradores, mas principalmente o desejo de se controlar aqueles divertimentos das juventudes, pois já fugiam do controle dos governos. Alheios aos ataques dos colunistas das páginas policiais ou das cartas recebidas pelas redações dos jornais, os esportes se desenvolviam nas grandes cidades brasileiras durante as décadas de 1910 e 1920. Não apenas os clubes, campeonatos, provas e competições aumentaram em número nesta época; grupos informais de jovens esportistas também ganharam força própria, ocupando diferentes espaços no Rio de Janeiro e em São Paulo (MELO, 2001; SEVCENKO, 1992).

Nesse sentido, é necessário advertir para o fato de que os esportes foram disseminados em nosso país de forma mais ou menos independente do desejo de suas classes política e intelectual. A sua dinâmica de apropriação pela população não fez parte necessariamente de um projeto político, ao menos em nível governamental, enquanto política pública. Esteve relacionada a uma prática cultural que se estabeleceu conjuntamente ao crescimento urbano,

ao desenvolvimento de novas formas desociabilidade entre os jovens reunidos nas cidades. O ideal de uma vida associativa, trazida com os imigrantes como uma forma de organização social, assim como as teias de parentescos entre as famílias mais abastadas, e mesmo os sentimentos bairristas, em muito favoreceram a disseminação esportiva entre os jovens que se reuniam nas primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Práticas com diferentes graus de formalidade e distinção orbitavam ao redor do código esportivo e expressavam identidades de diversos grupos de jovens. Em muitos casos, essas práticas eram identificadas com o moderno, com o urbano, como formas de divertimento e sociabilidade, e fomentavam a organização de diversas associações civis e competições. Seja enquanto praticantes ou espectadores que assiduamente acompanhavam as disputas nos locais de competição, pelos jornais e pelo rádio, os jovens se mostravam a cada dia mais fascinados por essa nova forma de promover encontros e divertimentos.

3 A ASCENSÃO DO MOVIMENTO ANTIDESPORTISTA

O expressivo crescimento da prática esportiva entre os jovens, especialmente do futebol, não encontrou oposição apenas por parte da polícia ou das queixas que chegavam nas redações dos jornais. As críticas mais contundentes aos esportes no Brasil foram inicialmente proclamadas pelo escritor Lima Barreto (1881-1922) no ano de 1915. No meio jornalístico carioca iniciou-se uma verdadeira campanha contra a prática esportiva, a qual viria a desembocar em 1919 na criação da Liga Contra o Futebol no Rio de Janeiro. A fundação da Liga tinha por objetivo aglutinar os intelectuais antiesportivos e conferir um sentido único, assim como um maior alcance, às ações iniciadas por Lima Barreto na recusa aos esportes, sobretudo ao futebol. O seu “[...] argumento principal era de que o exagero no cuidado com o corpo leva o praticante a esquecer-se do mais importante, a cultura da mente” (SANTOS, 2000, p.74). Lima Barreto estabeleceu, assim, uma clara divisão entre a formação intelectual e o culto aos esportes, sendo a prática esportiva considerada um embrutecimento corporal de tal ordem que obstruiria a inteligência e distanciaria os jovens da cultura letrada. Afirmou, ademais, que o culto às modalidades esportivas como o futebol fomentava a competitividade e a agressividade de tamanha maneira que poderia levar à desintegração social e a uma degeneração moral da população. Lima Barreto, no entanto, encontrou um de seus maiores opositores na figura do escritor Coelho Neto (1864-1934), intelectual que defendeu veementemente o futebol na imprensa carioca, especialmente na revista *Athletica* (ROSSO, 2010). Somado a esse movimento, houve ainda, em 1917, o debate promovido pela Academia Brasileira de Medicina, cujo tema foi “Faz mal o futebol às crianças?” e que se prolongou em artigos pró e contra nos jornais da época (AZEVEDO, 1960; NEIVA, 1929).

O maior golpe aos entusiastas das práticas esportivas, no entanto, viria em 1921. Nesse ano foi lançado no mercado editorial o livro de autoria do bacharel em Direito Carlos Sussekind de Mendonça (1899-1968) sob o título de *O sport está deseducando a mocidade brasileira*. Além de ter sido a primeira obra escrita no Brasil inteiramente dedicada a combater a prática esportiva, foi um marco por alinhavar de maneira didática quase todos os discursos contrários aos esportes em circulação no período, rebateu um a um os argumentos apresentados pelos seus defensores.

Santos (2000) analisou que as críticas às práticas esportivas das primeiras décadas do século XX provinham de diferentes grupos sociais. Desde nacionalistas, entre os quais

Lima Barreto e o próprio Sussekind de Mendonça, até grupos socialistas e anarquistas. Os argumentos formulados contra as práticas esportivas tinham, no entanto, uma grande mobilidade e poder de adaptação, transformando-se à medida que o debate avançava e que novos atores sociais entravam em campo. A grande particularidade de Sussekind de Mendonça foi a de angariar a maior parte dos argumentos existentes a seu favor, construindo uma obra muito bem fundamentada discursivamente. Entre as críticas empregadas, se apropriou dos argumentos que se opunham à tradição circense e de feiras livres no pregaro atlético, entoados por autores franceses e empregados pelo intelectual Fernando de Azevedo (1894-1974) na primeira edição de sua tese “A Poesia do Corpo ou A Gymnastica Escolar, sua história e seu valor”.

Para Sussekind de Mendonça não haveria nas práticas esportivas nenhuma qualidade moral que pudesse respaldar seus supostos benefícios educativos, seja dentro ou fora da escola. Considerava impertinente a ideia de que os esportes seriam “[...] um dos fatores mais enérgicos, mais fortes, quiçá mais decisivos na educação moral do povo” (MENDONÇA, 1921, p.82), lembrando, por exemplo, do uso recorrente de bebidas alcoólicas “antes, durante e depois dos jogos”. Concordava com as críticas que Azevedo havia formulado em sua tese de 1915, sobretudo no que se referia à falta de embasamento científico (fisiológico) das práticas esportivas, no entanto, não compartilhava dos elogios de ordem moral que o autor fizera em 1920, na edição ampliada de sua tese. Chegou a ironizar, de forma velada ou mesmo explícita, a segunda obra de Azevedo (LINHALES, 2009).

Como analisado por Santos (2000), a obra de Sussekind de Mendonça foi uma severa oposição ao livro publicado por Azevedo em 1920, *Da Educação Física: o que ela é, o que vem sendo e o que deveria ser*. A obra de Azevedo era, na verdade, uma edição ampliada de sua tese de 1915, com os capítulos substancialmente estendidos e revistos. Conforme analisado por Linhales (2009), entre a publicação das duas obras, Azevedo mudou a sua posição quanto às práticas esportivas. Se em 1915 Azevedo as observava com certa resistência, em 1920 passou a tecer elogios de ordem moral aos esportes. Pontuava apenas que deveriam ser regulados para não serem praticados de forma prematura ou abusiva, do mais, considerava que as práticas esportivas tinham grande valor moral por adestrar a coragem e o sangue frio e estimular o hábito de contar consigo próprio. Para Linhales(2009, p.40), nesse segundo momento Azevedo “[...] introduz no debate sobre o esporte as ideias relativas ao autogoverno que, em alguma medida, constituem representações do liberalismo moderno calcado no desenvolvimento de um individualismo de matizes utilitárias, produtivistas”. A mudança de posição de Azevedo quanto à prática esportiva alinhava-se ao programa liberal-nacionalista do jornal *O Estado de S. Paulo*, onde passou a trabalhar no final da década de 1910.

4 A DEFESA DO ESPORTE: UMA FORMA DE EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE

A repercussão que alcançou o livro de sugestivo título *O sport está deseducando a mocidade brasileira* no meio intelectual brasileiro não foi pequena. A polêmica estava lançada. Era tema corrente nas conversas médicas mais informais e ficou registrada nos jornais da época, principal recurso para promover as discussões entre os defensores e opositores da prática esportiva. Os debates extrapolaram o território do Rio de Janeiro, atingindo a imprensa paulista, que se levantou a favor da prática esportiva. Em sua função de redator do jornal *O Estado de S. Paulo*, Azevedo (1922, p.304) não deixaria de participar das disputas então em curso e qualificou a tese de Sussekind de Mendonça de especiosa, ou seja, atraente, mas enganadora.

Em sua defesa, elogiou o fato dos esportes terem despertado o gosto da população pela cultura física. Ponderava apenas que se a invasão dos esportes anglo-saxônicos, especialmente do futebol, fora porventura excessiva, como alguns alegavam, haveria este fato de repercutir de maneira proveitosa para que então se iniciasse o desenvolvimento de uma Educação Física higiênica e moralmente educativa para os jovens.

Concomitantemente, nas décadas de 1910 e 1920, ocorreu também a ascensão e a expansão das teorias eugenistas no meio intelectual brasileiro. De modo sucinto, a eugenia se consolidou como um movimento internacional, no entanto, apresentou singularidades no Brasil. Esteve associada ao movimento sanitário, liderado pelos médicos Belisário Penna (1868-1939) e Arthur Neiva (1880-1943), que reivindicavam que o poder público assumisse o provimento de saneamento básico nas áreas rurais. Dessa união, a melhoria da raça se tornava sinônimo de oferecer condições apropriadas de saneamento para a população, sobretudo das áreas rurais (LIMA; HOCHMAN, 2000, 1996). Esteve também relacionada aos movimentos que reivindicavam a consolidação de um sistema público e nacional de ensino. Dessa união, o combate pela suposta degenerescência da raça passava também pela educação, por incutir hábitos de higiene e preceitos morais à população, especialmente às mulheres e às classes mais pobres (ROCHA, 2003). Esta vertente da eugenia ficou conhecida como eugenia positiva ou preventiva, pois determinava que a melhoria da raça estava diretamente relacionada com questões ambientais, sociais e morais. Práticas como saneamento público, educação higiênica e exercícios físicos receberam um maior apreço de grande parte dos intelectuais brasileiros do que procedimentos invasivos e austeros, como a esterilização compulsória, o aborto seletivo e a proibição de casamentos (STEPAN, 2004). Por estar ligada à teoria lamarckiana, grande parte dos intelectuais da eugenia preventiva acreditava que caracteres adquiridos poderiam ser transmitidos hereditariamente, promovendo uma progressiva degeneração ou depuração racial da população. Saúde e vigor físico eram interpretados como elementos passíveis de transmissão hereditária, assim como o alcoolismo e a criminalidade. “O esporte era muitas vezes tratado tanto para disciplinar e subordinar a vida dos indivíduos, tornando-os mais fortes, resistentes e produtivos, quanto para pensar no embelezamento físico e genético da população como um todo” (SOUZA, 2008, p.158). O pensamento eugenista não se limitou aos aspectos físicos do corpo ou do meio ambiente. Muito pelo contrário, envolveu questões morais, interpretando frequentemente a pobreza e as más condições de vida como resultado de condutas imorais supostamente assumidas pelos indivíduos das classes menos privilegiadas. Configurou padrões estéticos para o corpo masculino e feminino e ao esporte seria acrescida a função de desenvolver um vigor moral e uma personalidade forte, afastando o indivíduo de vícios.

O que se observa é que ganhavam corpo no meio intelectual brasileiro duas vertentes aparentemente distintas de pensamento: uma que considerava os esportes como um meio próprio para promover uma suposta regeneração moral e física dos brasileiros, adotada sobretudo pelo movimento eugenista, e outra que tecia severas críticas às práticas esportivas, qualificando-as como inadequadas para a educação dos jovens, sendo a vertente defendida pelos intelectuais do movimento antiesportivo. Azevedo não seria voz solitária, outro intelectual que advogou a favor dos esportes em São Paulo foi o médico Arthur Neiva². Em uma série de

² Neiva foi o responsável por assinar o decreto de criação do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo em 1931. O seu nome é bastante conhecido pela historiografia dedicada ao movimento sanitário brasileiro, sobretudo em decorrência da famosa expedição científica que realizou ao interior do Brasil em 1912, na companhia de Belisário Penna, e pela sua direção frente ao Serviço Sanitário Paulista entre 1917 e 1919. No entanto, ainda é pouco conhecida e analisada sua participação nos debates sobre a prática esportiva em São Paulo (SILVEIRA, 2002).

artigos publicados no ano de 1922 no jornal *O Estado de S. Paulo*, Neiva defendeu a prática esportiva por sua suposta capacidade de desenvolver uma série de atributos morais que julgava indispensáveis para a construção de uma nação, como a coragem e o espírito de disciplina, em resposta diretamente direcionada à obra de Sussekind de Mendonça. Alinhava-se, desse modo, ao pensamento de Azevedo, a quem teceu elogios e se tornou colega na redação do jornal *O Estado de S. Paulo* (AZEVEDO, 1971). Assim como Azevedo, também depositava nas práticas esportivas uma esperança eugênica de num futuro próximo ver uma utópica raça mais forte se erguer entre a população brasileira. Em suas palavras: “Quando vejo essa rapaziada de hoje, forte e sacudida, tendo ironias para os alfenins anemiados, os almofadinhas, da sua gíria, ponho-me a imaginar nos belos tipos da raça nova que em futuro não remoto há de habitar esse país” (NEIVA, 1927, p.74).

Novamente questões morais eram concebidas para defender a prática esportiva. Nesta mesma linha argumentativa, muitos outros profissionais se manifestaram, especialmente entre os cronistas esportivos, em corriqueiros elogios aos esportes por supostamente desenvolver personalidades fortes e combativas, interpretando-o como a máxima expressão de uma juventude vigorosa (SEVCENKO, 1992). De acordo com Azevedo (1960), a imprensa foi, de fato, um dos principais meios de articulação dos intelectuais favoráveis à prática esportiva e à Educação Física, especialmente entre o grupo de intelectuais que compunha a redação do jornal *O Estado de S. Paulo*.

O pequeno grupo que dele teve a iniciativa [do esporte] e do qual participava com entusiasmo Américo Netto³, infatigável batalhador da mesma causa, enriqueceu-se de novos e valorosos elementos. A imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro, de modo geral, e, particularmente *O Estado de S. Paulo*, que tomou posição de vanguarda, estimulando a campanha e franqueando colunas aos que nela se empenhavam, tivera papel saliente na difusão deste movimento de ideias. Todo o seu prestígio de escritor, poeta e romancista, Coelho Neto, no Rio, o pôs a serviço da atlética e dos esportes que, em São Paulo, encontraram, para apoiá-los sem reserva, outro nome ilustre, esse, da ciência no Brasil, Arthur Neiva, discípulo de Oswaldo Cruz e fundador do Instituto Biológico (AZEVEDO, 1960, p.12).

Entre os intelectuais ligados ao movimento eugenista, os esportes seriam concebidos como um importante recurso para a afirmação de uma nova identidade da elite brasileira. De modo geral, considerava-se que a juventude urbana que aderia às práticas esportivas apresentava valores opostos aos moradores das áreas rurais, frequentemente qualificados como preguiçosos, indolentes e atrasados (LIMA; HOCHMAN, 2000). Para defender os esportes se criaria não apenas conotações morais positivas, como também toda uma cultura que os inseria entre as práticas urbanas tidas como salutares e modernas, expressão de um futuro que romperia com o universo rural brasileiro, então considerado como doente e atrasado. Foi especialmente nas práticas esportivas que os filhos da oligarquia cafeeira encontraram um modo de distinção simbólica, de superação de um passado rural considerado, muitas vezes, obsoleto (GAMBETA, 2015). Por meio da prática esportiva, os mais jovens exaltavam novos códigos de comportamento e um novo estilo de vida. Antônio Prado (1840-1929), em São Paulo, elevado como patrono dos esportes na cidade, e o seu filho se tornariam grandes representantes dos novos valores dessa elite que agora se desejava urbana. Provas ciclísticas, automobilísticas, náuticas, competições de natação, de nado sincronizado, de saltos ornamentais, certames de

³ Américo R. Netto (1892-1974) foi um conhecido atleta de automobilismo e cronista esportivo, tendo escrito principalmente para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Participou de edições dos Jogos Olímpicos, sendo representante paulista do movimento olímpico brasileiro. Na década de 1930, assumiu o cargo de Secretário Geral do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo.

tênis, provas equestres, a lista de modalidades praticadas era expressiva e crescia a cada dia, assim como as colunas esportivas dos jornais, que a cada edição tornavam-se mais vibrantes ao narrar as competições esportivas dos clubes de maior prestígio. Apresentadas também nas revistas mundanas, as práticas esportivas evocavam ainda a possibilidade de desfrute de uma forma de ócio codificada como elegante e aristocrática (MARTINS, 2001). A distinção não se faria mais somente pela cultura letrada, mas começaria a se fazer também pela cultura esportiva. A sua origem inglesa, europeia, atestaria ainda mais o seu caráter elitista. Lima Barreto e Sussekind de Mendonça, por sua vez, não abriam mão de criticar a origem inglesa do fenômeno esportivo, qualificando a prática das elites brasileiras como uma “macaquice”, ou seja, como uma cópia ingênua, grosseira e extemporânea de costumes estrangeiros que nada tinham a ver com o Brasil.

Frente aos ataques que os esportes recebiam na década de 1920, Neiva construiu uma retórica que associava as práticas esportivas com uma modernização dos costumes dos jovens da elite e qualificava seus opositores como representantes de uma intelectualidade velha e antiquada, impassível de compreender que os esportes, assim como o conhecimento letrado havia sido numa época anterior, eram expressão de uma nova forma da elite se reconhecer (SILVEIRA, 2002). “As classes dirigentes atuais nasceram no tempo pré-esportivo. [...] Dia virá em que nossa gente de cultura há de compreender que o aprender a nadar é mais importante do que saber colocar crase e vírgula e contra vírgula à perfeição” (NEIVA, 1927, p.87).

Os discursos favoráveis aos esportes e, principalmente, à sua gestão e controle não se faziam meramente como reflexo de personalidades aficionadas e adeptas ao culto dos esportes. Muito pelo contrário, eram resultado de uma fina percepção da elite intelectual, ligada principalmente ao movimento eugenista, do poder de mobilização popular que tinha a prática esportiva. É necessário esclarecer que as críticas ao esporte abarcaram de modo distinto os grupos sociais que os praticavam. Os esportes praticados nos clubes de maior prestígio social seriam repreendidos apenas por uma parcela do meio intelectual brasileiro, sobretudo pelos profissionais antidesportistas. Os discursos de Lima Barreto e Sussekind de Mendonça, despertariam, no entanto, grande reação da outra parcela dos intelectuais brasileiros, os quais empunhariam suas penas em defesa das supostas virtudes morais dos esportes praticados pelos mais ricos, em defesa daquela “rapaziada forte e sacudida”. Já o futebol realizado de modo improvisado pelas classes populares, nos mais diversos cantos das cidades, não entusiasmaria tanto os intelectuais. As inúmeras reclamações que chegavam aos gabinetes policiais e que eram transcritas nas páginas dos jornais da época tornariam ainda mais difícil a sua defesa, pois explicitavam à classe intelectual como um todo que esse modo de se praticar as atividades esportivas não correspondia à formação moral que pregavam como mais adequada à população.

Desses embates, o que se torna bastante nítido é a existência de questões sociais e econômicas que favoreciam a apologia ou a crítica aos esportes naquele momento. Tratava-se de uma discussão bastante complexa e realizada por distintos atores. De todo modo, é perceptível que, especialmente para os intelectuais ligados ao movimento eugenista, um abismo discursivo se impunha entre o esporte espetáculo promovido pelos clubes de maior prestígio e federações e aquele realizado de maneira informal e improvisada nas ruas e descampados das cidades.

Como analisado por Santos (2000), os argumentos levantados por cada grupo de intelectuais para atacar ou defender os esportes corriqueiramente trocavam de mão de acordo

com o assunto tratado, podendo incorrer em hibridismos que abarcavam contradições lógicas. Essas apropriações e circularidades argumentativas revelam que os contextos abordados eram bastante dinâmicos e que os discursos se encontravam em plena construção. Revelam ainda que, nesse caldeirão discursivo, a questão principal para os intelectuais ligados ao movimento eugenista não era a de ser verdadeiramente contra ou a favor dos esportes, mas de saber delimitar a qual manifestação esportiva se estava fazendo referência. O mote principal era de saber definir se o esporte em questão era aquele da “desmedida”, da prática sem controle, das juventudes sem regras, impassível aos desejos dos governantes e reflexo primeiro da paixão e do gosto das classes mais populares, ou se era aquele do esporte símbolo de um controle corporal e moral, capitaneado por setores específicos da população como uma forma de distinção social.

De modo geral, ponderava-se que, ao mesmo tempo que os esportes poderiam representar uma “salvação para a raça”, segundo os dizeres dos profissionais eugenistas, caso não fossem controlados, poderiam constituir um problema de proporções incomensuráveis. O recurso ao sentimento coletivo do medo sempre foi um caminho empregado pelos eugenistas, sobretudo no que se refere ao temor de uma hipotética corrupção moral da sociedade e de uma degenerescência física de sua população. Como saída dessa encruzilhada retórica, o controle das práticas esportivas acabava sendo sempre apresentado como melhor opção. Essa estratégia faria com que a necessidade de se regulamentar a prática dos esportes se tornasse o cerne do debate travado entre aqueles supostamente contrários e favoráveis ao esporte. Azevedo e Neiva não apenas advogavam a regulamentação das práticas esportivas, como requisitavam a intervenção do poder público no assunto. Azevedo (1922, p.293) dizia ser chocante “[...] a heterocronia entre a influência impetuosa das associações esportivas e a ação lenta do poder público, em favor da educação física”. Neiva, em tom mais brando, afirmava que “[...]a gente do esporte no Brasil viveu sempre desamparada dos poderes públicos. [...] Tudo tem sido fruto de iniciativa particular” (NEIVA, 1929, p.62). Não por acaso, coube exatamente a Neiva, ao assumir o cargo de secretário do interior, a criação do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo em 1931 (MASTROROSA, 2003; DALBEN, 2009).

A discussão, apesar de se mostrar acalorada e dividida entre polos antagônicos, acabaria por se definir na prática como complementar, pois os argumentos contrários aos esportes seriam utilizados para nutrir aqueles favoráveis à regulamentação de sua prática. Apesar das disputas arroladas entre a classe intelectual, o resultado final dessa partida parecia claro, uma vez que a prática esportiva entre a população se mostrava inexorável. Impossível de ser combatida em sua totalidade, como alguns profissionais clamavam, o mais eficiente que se apresentava para muitos intelectuais era o seu controle e regulamentação, de modo que se tornasse utilitária. Se entre os jovens o esporte desejou ser encontro e divertimento, nos discursos ligados ao movimento eugenético desejou ser ciência e controle. Confrontar as práticas esportivas até certo ponto mais livres, com uma formalidade mais tênue, como aquelas representadas pela moderação, racionalização e controle científico, foi o maior desafio dos defensores dos esportes. Defendiam-se os esportes, mas não todas as práticas, apenas aquelas que tinham em sua formalidade hábitos considerados corretos pelos discursos teóricos de médicos, educadores e cronistas que almejavam preservar e/ou fomentar a tutela sobre a educação das juventudes.

5 CONCLUSÃO

Concluímos que os dissensos em relação às representações sobre os esportes estavam em parte relacionados com um projeto eugenista de controle e racionalização dos divertimentos dos jovens nas décadas de 1910 e 1920. Conflitos e tensões que envolveram atores do universo esportivo (como cronistas) e médicos e educadores ligados ao movimento eugenista evidenciaram diferentes discursos sobre a prática esportiva, também ancorados em diferentes posturas intelectuais, mas que tinham em comum o desejo de tutelar a educação das juventudes, sobretudo, dos jovens mais pobres, no sentido de erradicar hábitos vistos como imorais ou perigosos e promover aqueles interpretados como salutares ou moralmente aceitos. Pela ordem e pelo progresso almejados nos discursos de médicos, educadores e cronistas, advertia-se que os divertimentos deveriam ter objetivos pedagógicos e utilitários. Requeria-se também que crescessem significativamente como política pública, por meio da regulamentação e sistematização dos esportes pela Educação Física. Enfim, com uma maior tutela sobre os jovens, no controle de suas práticas mais autônomas, ou seja, os divertimentos, uma postura antiesportiva não era mais considerada como coerente, considerava-se necessário então tornar as práticas esportivas mais próximas dos cânones de uma educação eugênica. Entretanto, houve um distanciamento entre as representações de médicos, educadores e cronistas e a formalidade das práticas no cotidiano do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde os projetos de educação das juventudes muitas vezes foram presentes apenas no campo discursivo, o que não significa que foram falsos, e sim que evidenciavam as muitas divisões sociais daqueles contextos urbanos brasileiros em que as práticas eram reapropriadas, ressignificadas e também reproduzidas, pois eram multifacetadas, assim como as juventudes.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando. **A poesia do corpo ou a gymnastica escolar:** sua história e seu valor. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1915.

AZEVEDO, Fernando. A evolução do esporte no Brasil (1822-1922): ensaio de crítica e de história feito para a edição especial d'‘O Estado de S. Paulo’, comemorativa do 1º Centenário da Independência do Brasil. In: AZEVEDO, Fernando. **Da educação física:** o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960, p.281-306. (Obras Completas).

AZEVEDO Fernando. **Da educação physica:** o que ella é, o que tem sido e o que deveria ser. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Rio de Janeiro: Weiszflog, 1920.

AZEVEDO, Fernando. **Fernando de Azevedo:** história de minha vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DALBEN, André. **Educação do corpo e vida ao ar livre:** natureza e educação física em São Paulo (1930-1945). 2009. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

GAMBETA, Wilson. **A bola rolou**: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916). São Paulo: Sesi-SP, 2015.

GROOPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas. São Paulo: Difel, 2000.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. p.23-40.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n.2, p.313-332, 2000.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola e o esporte**: uma história de práticas culturais. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTINS, AnaLuísa. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2001.

MASTROROSA, Adriano. **Departamento de Educação Física, Escola Superior de Educação Física e Associação dos Professores de Educação Física**: o ordenamento da Educação Física no Estado de São Paulo no início da década de 1930. 2003. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MENDONÇA, Carlos Sussekind de. **O sport está deseducando a mocidade brasileira**. Rio de Janeiro: Brasil Editora, 1921.

NEIVA, Arthur. **Daqui e de longe...chronicas nacionaes e de viagem**. São Paulo: Melhoramentos, 1929.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes**: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925). Campinas: Mercado das Letras, 2003.

ROSSO, Mauro. **Lima Barreto versus Coelho Neto**: um fla-flu literário. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

SANTOS, Jorge Arthur dos. **Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil**. 2000. 277f. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos flementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVEIRA, Éder. Revisitando Artur Neiva: eugenio, educação física e identidade nacional. **Intellèctus Revista Eletrônica**, v.1, n.2, p.1-14, 2002.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugenico brasileiro dos anos 1910 e 1920. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v.1, n.2, p.146-166, jul./dez. 2008.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil (1917-1940). In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. (Orgs.). **Cuidar, controlar, curar:** ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.p. 331-392.

Apoio financeiro:

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP